

## Entevista de Hélder Rocha ao Jornal Povo de Guimrães

*Hélder Rocha é nicolino desde 1928.*

*Em 1988 foi nomeado, por aclamação, Nicolino Mor.*

*Um "velho nicolino" com ideias novas. Frescas.*

*É um soberbo contador de histórias.*

*É o cicerone de uma visita guiada ao espírito e às origens das Festas Nicolinas.*

RUI de LEMOS/ A. ROCHA e COSTA

Povo de Guimrães (PG) - O seu primeiro contacto com as Nicolinas quando e como é que acontece?

Hélder Rocha (HR) - O meu primeiro contacto acontece no ano lectivo de 1927/28.

Nessa altura o Liceu de Guimrães só leccionava até ao 5.º ano e deveria ter entre 250 a 300 alunos, entre os quais apenas 20 seriam do sexo feminino. Eu, entrei nesse ano para o Liceu e desde logo comecei a participar nas Nicolinas. Outros tempos...

PG - Como eram as festas Nicolinas nessa altura?

HR - Ah. Eram muito diferentes. O número principal não era de modo nenhum "O Pinheiro", como hoje acontece. O número principal nessa altura era, sem dúvida, as maçãzinhas. Para se entender o porquê tem que se fazer uma pequena incursão histórica.

As Festas Nicolinas resultam de um foro que os estudantes e os Coureiros da Oliveira adquiriram da Colegiada, onde então estudavam.

Esse foro era entregue no mês de Novembro através das designadas dizimas da Colegiada, pagos através de "rasas" (medida da época, correspondente ao alqueire) de castanhas e cestos de maçãs.

Os estudantes recebiam essas dádivas provenientes de uma propriedade que os Cónegos da Colegiada tinham em Urgeses. Era uma oferta a que os Cónegos se tinham obrigado.

Então os estudantes iam a Urgeses buscar as castanhas e as maçãs e no regresso ao passarem na Cruz de Pedra recebiam a "pense", oferta feita em lenha e mato, dos oleiros. Chegados à cidade, junto do Pinheiro, no Campo da Feira, faziam uma fogueira onde assavam as castanhas e bebiam uns "canecos". As maçãs destinavam-se, precisamente, às maçãzinhas.

PG - Então o pinheiro representava o quê?

HW- O Pinheiro constituía tão só o anúncio à população do início das festas. A imagem do que acontece com as festividades populares da aldeia que são anunciadas através da colocação de um mastro colocado no adro da igreja ou no lugar central da freguesia. Ainda hoje essa prática ocorre em algumas localidades. O pinheiro representava esse mastro, o seu significado vai beber essa prática ou costume popular.

Era simultaneamente uma oferta de um antigo nicolino, como ainda hoje acontece.

PG - Então não havia cortejo, como agora?

HR - Cortejo sempre houve, mas naquele tempo só integravam o cortejo os estudantes novos. Os velhos só acompanhavam o pinheiro a partir do Tournal. E por tradição só no campo da feira é que deveriam tocar.

A família Aldão sempre fez a dádiva do Pinheiro. O transporte para a cidade é que constituía o grande espectáculo.

PG - Porquê, se havia menos gente a participar no cortejo?

HR - O grande espectáculo eram as juntas de bois. Antigamente o transporte era feito com 50 ou 60 juntas de bois, era uma quantidade usada simbólicamente para o transporte. No meu primeiro ano foi assim. Agora, imagine a "chiadeira" que não era. Mas, o transporte do pinheiro era precedido de uma cavalgada. Um conjunto de indivíduos a cavalo envoltos em lençóis brancos e com um turbante, do género árabe. A rapaziada que não tocava caixa ou bombo acompanhava o cortejo mascarado geralmente de lavrador e com outras fantasias.

PG - O Sr. Engenheiro foi mascarado de quê no primeiro ano?

HR - Acho que de lavrador com o gorro nicolino.

Naquela altura se o cortejo tivesse 10 bombos e 20 caixas já era um consolo para a malta.

PG - Fica então, a dever-se a quê a enorme participação dos velhos na noite do Pinheiro? Os novos deixaram de ter imaginação e vontade para manter a tradição?

HR - Não. Acho que não tinham outra possibilidade. Essa inversão no processo acontece comigo. No meu regresso da Universidade, em 1951 deparo com as Festas Nicolinas "de rastos". Como a participação começava a escassear, porque naquele tempo não era fácil os pais deixarem os filhos de 15 e 16 anos virem para a rua até tarde ou então acabada a festa vinham recolhe-los, por outro lado dado o baixo índice de frequência de alunos no Liceu, os velhos começam a tocar e a integrar-se no percurso. A população já começava a vir às Nicolinas por hábito e não por gosto, por entusiasmo.

As festas haviam-se, em consequência disso, deteriorado negativamente. A rapaziada sente então dificuldade de mobilização para as festas, até porque a população era pouca e não havia ainda, recorde-se, transportes públicos.

Nessa altura apenas dois carros traziam cartazes ou legendas: era o carro da Minerva e outro destinado à sátira ou piada.

PG - Lembra-se de alguma das críticas ou piadas dessa altura?

HR - Lembro que o A.L. de Carvalho descobriu um pequeno Castelo que, para azar dele, não tinha frente. Eram as muralhas da Torre dos Almadas. Deitaram-se casas abaixo e depois a obra ficou parada dois ou três anos.

No nosso ano, em função disso, e por ideia do nosso professor José Pina, que era uma pessoa excepcional, o carro ilustrava o Castelo dos Almadas com um indivíduo vestido de fantasma a sair de dentro e a dizer umas quadras. O Povo adorou aquilo...

PG - Voltemos ao Pinheiro. Há quem diga que as Festas sofriam um interregno entre o Pinheiro e as outras actividades?

HR - Não sofriam interregno nenhum. O Pinheiro tinha só a função de anunciar as festas, logo não fazia sequer parte integrante. As Festas Nicolinas, propriamente ditas, começavam a 2 de Dezembro, o dia em que os estudantes iam a Urgeses buscar a dizima dos Cónegos. No dia seguinte era o dia do Pregão. No fundo, o pregão era feito à imagem da reminiscência medieval. Tratava-se de um arauto ou mensageiro que anunciava à população o programa das festividades em forma de pregão, que na altura chamavam especial atenção para a entrega das maçãzinhas.

PC, - Mas já nessa altura o pregão fazia crítica social?

HR - Sim. Mas advinha da forma como o pregão era elaborado, como consequência. A sua primeira função era o anúncio do programa das festas.

O grande dia era de facto, no meu tempo de estudante, o dia das maçãzinhas. Era um rico número com seis ou sete carros puxados a cavalo. Não ia ninguém apeado, como agora, quando muito começaram a fazer-se transportar nas primeiras bicicletas.

PG - Era tudo feito num sentido medieval e em função da dama. À imagem dos "doze de Inglaterra", que a cavalo iam entregar o fruto proibido à dama.

HR - Precisamente. Este é que era o espírito e o programa legítimo das Nicolinas.

PG - Então o baile e as danças já surgem depois?

HR - O Baile nunca fez parte das Nicolinas. E as danças eu penso que seria um pretexto de convivência, por consequência das maçãzinhas. Mas deixaram de se fazer durante muito tempo. Era um número incerto.

P G - A contrastar com a inclusão de números novos há outros que acabaram?

I-IR - Havia a "roubalheira", com a finalidade de trazer coisas mais diversas, dos mais diversos locais, e colocá-las no Toural ou junto do Pinheiro. Depois acabou devido a queixas de alguns estragos que geralmente eram provocados por outras pessoas que não as das Nicolinas.

PG - Isso chama a atenção para um pormenor importante que se prende com os elementos estranhos à festa dos estudantes.

HR - Sim. Desde sempre existiram. Mesmo a literatura relativa às Nicolinas refere alguns incidentes provocados pela rejeição dos estudantes a quem não frequentasse o Liceu de Guimarães. Um assunto que hoje está completamente ultrapassado.

PG - Claro. Mas essa rejeição fazia-se só ao nível das participações activas não ao nível dos espectadores?

HR - Pois, todas as pessoas podiam assistir na rua às festas. Havia, como sempre, uma identificação popular com as Nicolinas. A população de Guimarães aderiu sempre às Festas Nicolinas.

PG - Ainda não nos referimos ao aspecto gastronómico. À ceia do Pinheiro.

HR - A ceia do Pinheiro começa a realizar-se a partir de uma proposta minha e de rapazes da minha geração feita por altura da revitalização das Nicolinas. A Ceia do Pinheiro só começa a existir, portanto, a partir da década de 50 por proposta da rapaziada da minha geração. Antes só existiam "as posses", ou seja, o convívio gastronómico só acontecia a partir das ofertas dos comerciantes do ramo alimentar, ou tascas e tabernas, que convidavam os estudantes para a "moina".

Na primeira ceia do Pinheiro compareceram cerca de 50 velhos. Dado o apreço pela iniciativa decidiu-se lançar o repto a todos, no sentido de que a ceia acontecesse todos os anos. A ementa é fixa: desde sempre rojões e papas de sarrabulho.

Em 1954, também com a sorte de termos na Câmara o António Faria Martins, por iniciativa dos velhos, em consequência das ceias, conseguimos colocar a placa e dar o nome à travessa da Senhora Aninhas, Madrinha dos Estudantes. É ainda neste ano e nessa mesma ceia que por carta dirigida aos velhos pelo Faria Martins, que sendo um grande impulsionador se encontrava doente, lança a proposta à comissão para criar a Associação dos Antigos Estudantes. A partir de todas estas iniciativas, progressivamente assiste-se a um crescendo de participação na noite do Pinheiro que resulta naquilo que hoje se vê.

PG - Resumindo o "boom" da noite do Pinheiro a que hoje se assiste é fruto da intervenção dos velhos nicolinos ao longo dos anos?

HR - Sim...

PG - ...E este fenómeno remeteu para segundo plano ou para um plano inferior a essência das Nicolinas, ou seja o restante programa.

HR - Não, as festas sofreram deterioração já em 51. Deixaram de haver posses, deixou de haver roubalheira, o sentido do pregão foi adulterado e mesmo as maçãzinhas...

PG - Falou no pregão. Dentro da sua elevada participação Nicolina recitou o pregão?

HR - Recitei dois. Eu vivi uma situação diferente da dos meus colegas dado que acabei o primeiro ano do Liceu em 1928 e depois, por razões de saúde, estive 5 anos sem estudar.

Isso fez com que chegado ao 5º ano de Liceu, por ser finalista, recitasse. No ano seguinte, dada a inclusão do 6.º ano no Liceu voltei a recitar.

PG - Quem eram os autores mais habituais do pregão nessa altura?

HR - Havia o Leão Martins, excepcional em qualidade, Américo Durão, que hoje figura na Antologia de Poetas Portugueses, Delfim Guimarães, Luís Filipe Coelho, Jerónimo de Almeida, etc...

PG - Por falar em "notáveis". O Sr. Engenheiro tem o título de Nicolino Mor. O que é que isso significa?

HR - Foi com enorme surpresa que recebi esse título. Acontece durante uma assembleia geral da Associação por proposta do Joaquim Amaral, já falecido, no período da ordem de dia onde estavam a ser tratados assuntos de interesse para a Associação. O homem leu um soneto onde me propõe Nicolino Mor e foi aprovado por aclamação. É um grande orgulho, penso que é o reconhecimento do trabalho desenvolvido em prol das Nicolinas. Mas todos os anos a Academia faz uma homenagem a um velho Nicolino.

PG - Mas sem dúvida que a grande homenagem que as Nicolinas, no seu espírito inicial, queriam prestar destinava-se às Damas. Todos os números convergiam no sentido de agradar às damas. Qual é a explicação?

HR - Sabe que naquele tempo um número considerável de meninas estavam internas em conventos ou colégios. No dia das Nicolinas havia liberdade de se abeirarem das janelas para receberem a maçã. Como se sabe a maçã era entregue deliberadamente como proposta de namoro pelos rapazes e elas diziam que sim ou não conforme colocassem uma fita bordada ou uma colher de pau.

PG - Agora vamos transpor a intenção para os dias de hoje. Acredita que na geração actual, onde se fala mais de assédio sexual, o actual programa das festas, particularmente as maçãzinhas pelo seu sentido, deve continuar ou pode ser remodelado?

HR - Pois a questão a resolver neste momento é essa. Eu já defendo à muito tempo a realização de uma convenção Nicolina para tratar essa questão. As festas são dos novos os velhos são um acessório. Era necessário saber a opinião dos jovens sobre os números que deveriam perdurar, os que deveriam ser eliminados Quanto aos antigos defendo que continuem enquanto reconstituição histórica, devolvendo-os à sua origem.

Hoje só forçosamente é que uma menina fica pendurada uma tarde inteira numa varanda à espera da maçã do estudante. Não tem sentido assim, mas enquanto acto cultural tem.

PG - Por outro lado as Festas sempre foram um motivo para a união dos estudantes?

HR - Desde a reformulação do ensino a festa abriu-se a todas as escolas de Guimarães. É um espaço de comunhão ímpar. Quando abriu o Egas Moniz, eu fui o único que defendi a sua inclusão nas festas.

PG - Acho realmente a convenção uma iniciativa importante e urgente até para se definir quem é quem!

HR - Precisamente.

PG - A organização das Nicolinas perde o seu carisma se incluir os jovens Universitários?

HR - Não, Não perde. Eu sou da opinião de que os Universitário devem entrar nas comissões de organização das Festas Nicolinas Como já defendia a entrada dos alunos do antigo Magistério. O espírito está salvaguardado nos estatutos que exigem que o presidente seja um Nicolino e desde que a participação seja feita de forma proporcional. Tem evidentemente que se limita a influência. Eu digo que as únicas festas estudantis do país são as Nicolinas, as outras são iguais em todo o lado, nada as pode descaracterizar.

PC - E esse espírito nicolino existe nas camadas jovens?

HR - Existe. O que eu sempre verifiquei em todas as tentativas de integração foi o desejo de participar. A única guerra foi sempre movida pela aspiração de fazerem parte das Nicolinas. "Por acaso, é uma festa formidável", é o que dizem os estudantes venham eles de onde vierem.

PG - Indique três ou quatro figuras Nicolinas que lhe ficaram na memória?

HR - O Jerónimo Sampaio, José de Pina, António Faria Martins e a saudável madrinha dos estudantes memória histórica das Nicolinas a Senhora Aninhas.

PG - Para terminar recorda-se do efeito da censura salazarista sobre as Nicolinas?

HR - Eu vi essa experiência nos meus pregões. O meu segundo pregão, feito pelo Delfim Guimarães, foi remetido ao censor de Braga. Em Guimarães não havia censor. Depois de vir de Braga com os carimbos respectivos, o "Dr. Cuecas", então reitor do Liceu e Presidente da Câmara, pediu-me para ler e disse que como estava não podia ser. Como essa censura não era obrigatória eu não alterei uma vírgula. A minha atitude custou-me um 8 na disciplina que ele leccionava. A única negativa que eu tive no Liceu.